

A GUERRA CIVIL EUROPEIA

Ismara Izepe de Souza¹

Os historiadores dedicados ao estudo da Guerra Civil Espanhola divergem sobre muitos aspectos, mas certamente concordam com o fato de que nenhum outro conflito civil do século XX obteve maior repercussão internacional. Num período de ascensão do nazi-fascismo europeu, o conflito foi rapidamente encarado como uma luta entre as esquerdas e os fascismos, pois as questões ideológicas que desencadeariam a Segunda Guerra Mundial já estavam ali prenunciadas.

O apoio de Hitler e Mussolini ao General Franco, e o fato dos rebeldes aglutinarem as forças conservadoras e autoritárias espanholas fez com que, no exterior, a identificação com o fascismo se tornasse quase automática. Por outro lado, os republicanos rapidamente foram identificados como “vermelhos”, ou seja, comunistas. Tais imagens maniqueístas, que pouco refletiam a complexidade do jogo de forças políticas presentes na Espanha, foram reforçadas pela participação direta das três grandes potências europeias no conflito: Alemanha, Itália e URSS.

Os militares que lideraram o golpe de 17 de julho de 1936, ao perceberem que a resistência republicana seria prolongada, recorreram ao auxílio externo. Os alemães e italianos rapidamente atenderam aos pedidos dos rebeldes, enviando grande quantidade de armas, munições, tanques e veículos blindados. Além disso, voluntários italianos e a Legião Condor alemã atuaram em defesa dos nacionalistas espanhóis. Hitler tinha interesse em fazer do território espanhol um campo de provas para os armamentos e estratégias que seriam utilizados durante a Segunda Guerra Mundial. Vale lembrar que foi a força aérea alemã que bombardeou a cidade de Guernica, ao norte da

¹ Doutoranda em História pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do LEER (Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação). É autora dos seguintes livros: República Espanhola: um modelo a ser evitado (SP: Imprensa Oficial; Arquivo do Estado, 2001); Solidariedade Internacional: a comunidade espanhola do Estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha, 1936-1946 (SP: Humanitas; FAPESP, 2005); Espanhóis: história e engajamento (SP: Cia. Editora Nacional; Lazuli, 2006).

Espanha. Picasso traduziu sua indignação frente à tragédia numa tela que leva o nome da cidade e que, sem dúvida, é uma das mais importantes obras de arte do século XX. A expectativa de uma nova guerra mundial já permeava o pensamento de grande parte da população europeia. Para a Alemanha Nazista apresentava-se também a oportunidade de aumentar a influência sobre a Espanha, um território situado entre dois alvos importantes nos planos de sua expansão: França e Inglaterra.

No campo nacionalista, a unidade do poder central logo foi estabelecida com a ascensão meteórica de Franco ao comando supremo das forças militares e políticas. O êxito dos nacionalistas em lidar com as dissidências internas também foi um fator determinante para o sucesso das investidas contra a República. O governo republicano espanhol, ao contrário, teve que enfrentar as manifestações espontâneas do processo revolucionário desencadeado em cidades como Barcelona, e a luta interna entre as várias correntes ideológicas que o defendiam.

O sentido internacional do conflito ficou evidenciado pelo envolvimento de muitos artistas e intelectuais com a causa republicana. Ernest Hemingway - autor de *Por quem os sinos dobram*, famoso romance sobre a guerra civil - e o britânico George Orwell foram alguns dos escritores estrangeiros que partiram para a Espanha e defenderam a República. O chileno Pablo Neruda e o francês Albert Camus, mesmo após o término do conflito, tornaram-se notáveis porta-vozes do antifranquismo. Comitês de auxílio à República espanhola foram formados em muitos países, contando com a adesão de ilustres artistas como Charles Chaplin e Clark Gable. Mas mesmo com todo esse engajamento internacional, o governo republicano espanhol teve dificuldades em receber o apoio oficial dos países europeus e americanos. Inicialmente, o governo de Frente Popular francês chegou a auxiliar a República Espanhola, mas uma cisão política interna, e a deferência à Inglaterra o levaram a desistir da ajuda.

Os rumos do conflito foram afetados pelo Comitê de Não Intervenção que, proposto em setembro de 1936 pela Liga das Nações, visava supervisionar e fiscalizar o princípio da não intervenção na Espanha. O Comitê era uma tentativa da França e da Inglaterra manterem-se neutras. A neutralidade das democracias europeias e do próprio EUA, na prática,

transformou-se em apoio indireto aos revoltosos, porque em nenhum momento conseguiu acabar com o auxílio da Alemanha e da Itália ao lado rebelde. Nos EUA, os interesses econômicos de setores petrolíferos acabaram prevalecendo, tendo a *Texas Oil Company* abastecido os carros e aviões sob comando do General Franco. A política de não intervenção, dessa forma, se apresentou como uma farsa que impediu um governo legalmente constituído de comprar armas para se defender.

Abandonada pelas democracias, a República se voltou para a URSS. Stalin não desejava promover a causa da revolução social na Espanha, mas sabia que a vitória dos nacionalistas fortaleceria a influência alemã no continente europeu. A partir de setembro de 1936, a URSS começou a enviar auxílio para os republicanos. Munições, armamentos, tanques de guerra, aviões, além de um considerável grupo de especialistas foram encaminhados ao território espanhol. Em troca, grande parte do ouro guardado pelo Banco da Espanha seguiu rumo a Moscou. O preço da ajuda soviética seria ainda mais alto: a influência direta da URSS na condução da política interna republicana.

Em maio de 1937, com a renúncia de Largo Caballero, o governo de Juan Negrin teve que unir forças e acabar com as manifestações espontâneas de organizações trabalhistas e anarquistas. Essa mudança interna seguia as orientações da URSS, que não tinha interesse em auxiliar o movimento anarquista e outros partidos. A política de Negrin buscou pragmaticamente a vitória e permitiu ao Partido Comunista espanhol comandar a supressão das milícias e os expurgos no *Partido Obrero de Unificación Marxista*, que seguia uma linha pró-trotskista.

Ao prestar um importante auxílio na organização militar da República, a URSS teve um papel decisivo no prolongamento do conflito. Mas ao longo de 1938, o auxílio soviético foi diminuindo até se extinguir. Neste ano, com as negociações para a efetivação de um pacto de não agressão entre URSS e Alemanha, Stalin deixou de se interessar pela Espanha. Daí em diante, a possibilidade de vitória da República foi se tornando cada vez mais distante. No início de 1939, a vitória franquista era uma questão de tempo.

O desenrolar do conflito dependeu, desde o início, da forma como a assistência e a influência estrangeiras se relacionaram com os aspectos militares e políticos dos dois lados. Nesse aspecto Franco saiu ganhando, pois

não houve significativa interferência da Alemanha e da Itália nas diretrizes internas e na atuação dos nacionalistas.

O fato de não ter reconhecido pelas democracias européias o seu direito de comprar armas, prejudicou e muito a República Espanhola. Não poder contar com a ajuda internacional e ter que combater com um lado que se fortalecia com o apoio das potências nazi-fascistas, se apresentaram como fatores decisivos para a derrota republicana.

BOX

AS BRIGADAS INTERNACIONAIS

As Brigadas Internacionais constituíram-se num corpo de voluntários formado por cidadãos de 53 nacionalidades dispostos a lutar em defesa da República Espanhola. Estima-se que cerca de sessenta mil cidadãos de vários cantos do mundo – incluindo dezenas de brasileiros – se incorporaram às Brigadas Internacionais. Antifascistas convictos, os voluntários consideravam que o que estava em jogo naquele país era a luta contra um inimigo que poderia se espalhar pela Europa e pelo mundo: o nazi-fascismo. A organização inicial deu-se em Paris, onde num escritório do Comintern os brigadistas recebiam todo o apoio para se dirigirem à Espanha. Apesar de coordenadas pelos comunistas, as Brigadas contaram com membros socialistas, liberais e de outras correntes político-ideológicas. Muitos deles eram antifascistas perseguidos em seus países de origem. Os voluntários demonstraram grande paixão pelos ideais republicanos e, apesar de contarem com pouca ou nenhuma experiência militar, foram responsáveis por várias vitórias. Em janeiro de 1938 as Brigadas foram incorporadas ao exército republicano e, em setembro, Juan Negrin ordenou a retirada dos estrangeiros de todas as frentes de batalha. A decisão do líder espanhol foi tomada na tentativa de mostrar ao mundo que a causa republicana tinha um caráter genuinamente espanhol. Negrin esperava que sua atitude pudesse acabar com o auxílio alemão e italiano a Franco. A despedida dos brigadistas foi marcada por um desfile em Barcelona que contou com um discurso memorável de Dolores Ibárruri, conhecida como *La Pasionaria*. As palavras de agradecimento dessa comunista espanhola constituem-se em uma

das passagens mais emocionantes do conflito, reafirmando o caráter internacional da Guerra Civil Espanhola.

Para saber mais:

MATTHEWS, Herbert. L. *Metade da Espanha morreu: reflexões atuais sobre a Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BLINKHORN, Martin. *A Guerra Civil Espanhola*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1994.